

VALENTE, J. S. S.¹; CORRÊA, B. F.²; SALLIS, E. S. V.³; NOGUEIRA, C. E. W.⁴; STOLL, F. E.²; PEREIRA, D. I. B.².

¹Bolsista de Iniciação Científica, Departamento de Microbiologia e Parasitologia, Laboratório de Micologia, Universidade Federal de Pelotas; ²Laboratório de Micologia, Universidade Federal de Pelotas; ³Setor de Patologia Veterinária, Universidade Federal de Pelotas; ⁴Hospital veterinário, Universidade Federal de Pelotas
E-mail: juliassilveira@gmail.com

INTRODUÇÃO

A pitiose é uma enfermidade de distribuição mundial, relatada em países de clima tropical e temperado (Alexopoulos *et al.*, 1996). Seu agente etiológico é o oomiceto aquático *Pythium insidiosum*. Embora a pitiose seja descrita em várias espécies animais, a maioria dos casos corresponde a lesões cutâneas em eqüinos (Santurio *et al.*, 2006). Nesta espécie, há o desenvolvimento de lesões ulcerativas, granulomatosas, de rápida evolução e difícil tratamento. No interior da lesão, observa-se abundante tecido conjuntivo fibroso, entrecortado por massas branco-amareladas e ramificadas denominadas *kunkers* (Santurio *et al.*, 2006). No Brasil a enfermidade é descrita em todo o país. O objetivo do presente estudo é relatar 21 casos de pitiose em eqüinos na região sul do Rio Grande do Sul, no período de fevereiro de 2009 a maio de 2011.

MATERIAL E MÉTODOS

Amostras de *kunkers* e biopsias das lesões foram submetidas ao isolamento e histopatologia. Os *kunkers* (Fig. 1A) foram lavados em solução de antibióticos, semeados em agar levedura e incubados a 37°C por 48 horas. A identificação de *P. insidiosum* considerou as características morfológicas das estruturas de reprodução assexuada (Fig. 1B) As biopsias foram fixadas em formol 10%, processadas para histopatologia e submetidas a imuno-histoquímica, utilizando-se anticorpo policlonal anti-*P. insidiosum*.

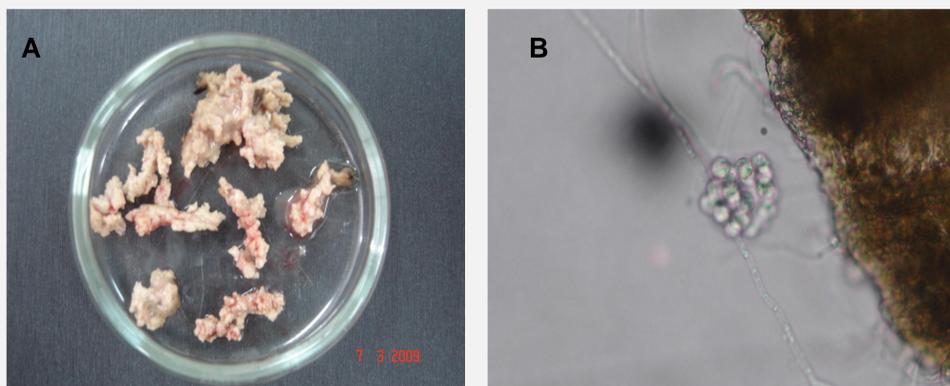


Figura 1: A: *Kunkers* coletados de lesões de pitiose equina; B: Características morfológicas de *P. insidiosum* em zoosporogênese (Obj. 40X).

RESULTADOS

A doença ocorreu de dezembro a maio, porém o período de maior ocorrência da enfermidade foi o mês de março. Todos os eqüinos encontravam-se em campos alagados (Fig. 2A) e desenvolveram lesões cutâneas características de pitiose, com evolução clínica que variou de 20 dias a 5 meses (Fig. 2B).

Dos 21 casos observados, 76% dos animais apresentaram lesões nos membros posteriores, 19% na região ventral do abdômen, 28% nos membros anteriores e 9% na região labial. De todos os casos foi isolado *P. insidiosum*.

A histopatologia caracterizou-se pela presença de focos necróticos associados a imagens negativas tubuliformes (hifas), circundados por abundante tecido fibroso e infiltrado de eosinófilos, neutrófilos e macrófagos. Na coloração de Grocott as hifas foram evidenciadas como estruturas ramificadas de coloração marrom-escuras. Na imuno-histoquímica todos os casos apresentaram marcação fortemente positiva utilizando-se anticorpo policlonal anti-*P. insidiosum* (Fig.2C).

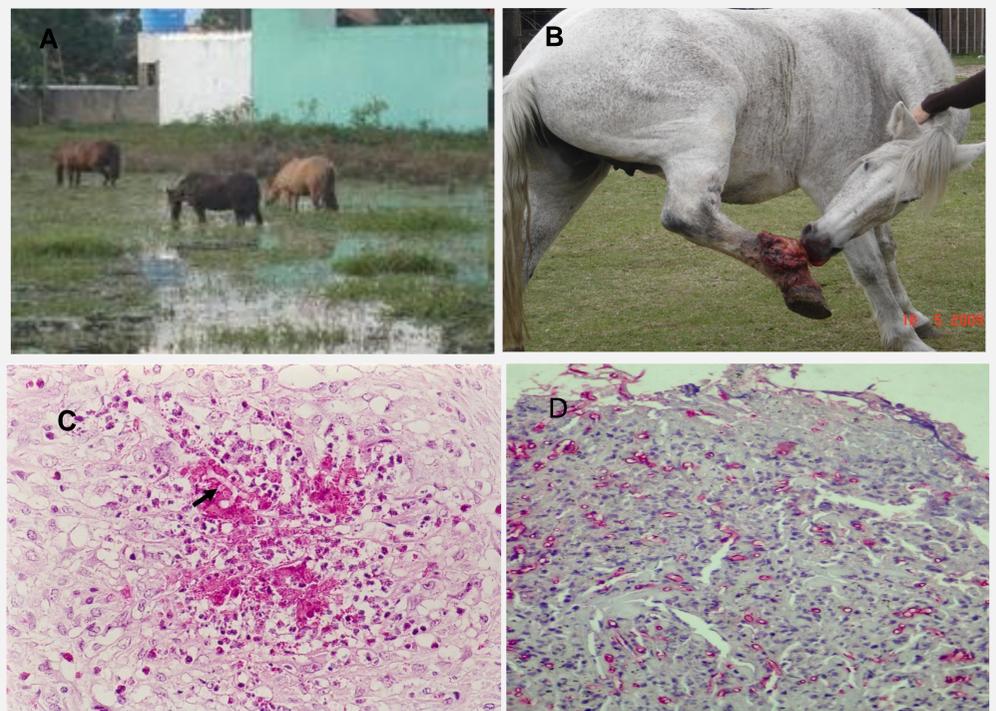


Figura 2: A: Eqüinos em áreas inundadas; B: Lesão de pitiose no membro posterior de um equino.; C: Imuno-histoquímica - hifas de *P. insidiosum* fortemente imunomarcadas (obj. 20X)

CONCLUSÃO

O presente relato chama a atenção para a prevalência da pitiose equina e evidencia aspectos epidemiológicos importantes da enfermidade na região sul do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALEXOPOULOS, C.J.; MIMS, C.W.; BLACKWELL. *Introductory Mycology*. 4.ed., New York: John Wiley & Sons, 1996 .Chap. 23, p. 683-737.
ALEXOPOULOS, C.J.; MIMS, C.W.; BLACKWELL, M. *Phylum Oomycota*.
SANTURIO, J.M. Pitiose: uma micose emergente. *Acta Scientiae Veterinarie*, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 1-14, 2006.